

Notícia > Notícias > Tecnologia > Nova técnica não invasiva se mostra equivalente a atual medição invasiva de...

Notícia **Compartilhe**

Nova técnica não invasiva se mostra equivalente a atual medição invasiva de pressão intracraniana

14/07/2022



Estudo de pesquisadores brasileiros comparou o padrão-ouro de medir a pressão intracraniana, uma técnica invasiva realizada por meio da inserção de um cateter na caixa craniana, com a tecnologia de monitoramento não invasivo da variações de volume/pressão dentro do crânio (complacência intracraniana) da braincare. Os pesquisadores concluíram que há concordância entre os resultados dos dois métodos, e, além disso, que a tecnologia não invasiva tem competência para detectar a hipertensão intracraniana. A pesquisa 'Morfologia de forma de onda como substituto para monitoramento de PIC: uma comparação entre um método invasivo e não invasivo', liderada pelo neurologista Fabiano Moulin de Moraes, do Departamento de Neurologia e Neurocirurgia, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), foi publicada na *Neurocritical Care**.



Segundo Moraes, a existência dessa correlação fortalece a possibilidade de uma mudança de protocolo em relação ao monitoramento da pressão intracraniana, com o uso da tecnologia de monitoramento não invasivo da complacência intracraniana na rotina assistencial. Para o pesquisador, a tecnologia poderá ser utilizada na triagem ou no acompanhamento de pacientes que, por exemplo, apresentam contraindicações para a técnica padrão-ouro. "Há situações em que o monitoramento invasivo padrão-ouro esbarra em limitações, como casos de pacientes com ventrículos pequenos, que apresentam risco de hemorragia na inserção do cateter (entre 5% e 7%) e têm risco cumulativo progressivo de infecção intracraniana (até 25% após 5 dias)", informa.

Por tanto, é fácil de entender a importância da busca por uma maneira não invasiva de monitoramento da pressão intracraniana na terapia intensiva neurológica. Moraes destaca que estudos realizados com outras tecnologias não invasivas já descritos na literatura não revelaram qualquer método que tenha alcançado a precisão necessária, a disponibilidade e a capacidade de análise contínua.

Para a investigação foram selecionados pacientes adultos internados na unidade de terapia intensiva neurológica do Hospital São Paulo, da Escola Paulista de Medicina/Unifesp, com acidente vascular cerebral isquêmico (quando há obstrução de vasos sanguíneos) ou acidente vascular cerebral hemorrágico (ruptura de vaso sanguíneo), que necessitaram do monitoramento padrão-ouro. Os 18 pacientes inseridos na pesquisa foram avaliados de março de 2019 a março de 2020 simultaneamente com o método invasivo de medição da pressão intracraniana e o não invasivo de monitoramento da complacência intracraniana. No total, os pesquisadores realizaram 60 monitoramentos não invasivos, totalizando cerca de 2.500 minutos.

A escolha dos pacientes, conforme Moraes, teve como base dois fatores: a conveniência de ter esse perfil na unidade de terapia intensiva do Hospital São Paulo e a busca por uma homogeneidade no grupo que seria estudado, aspecto importante porque cada doença tem sua especificidade em relação à pressão intracraniana. A pressão intracraniana se eleva quando um dos três componentes existentes no cérebro – tecido, sangue arterial e venoso e líquido – aumenta rapidamente, causando desequilíbrio. "Isso acontece, por exemplo, quando há o rompimento de um vaso devido a um acidente vascular cerebral e o sangue inunda o cérebro. Esse quadro pode levar o paciente a óbito ou causar danos secundários. Portanto, o monitoramento para prevenir esses danos é fundamental no manejo desses pacientes", explica.

O pesquisador ressalta que no monitoramento não invasivo, as alterações na complacência podem ser detectadas muito antes do efetivo aumento da pressão intracraniana. "Se por um lado isso quer dizer que haverá pacientes hipertensos e não hipertensos com a complacência alterada, por outro permite descartar hipertensão intracraniana em quadros de morfologia normal", diz.

Para Moraes, embora o trabalho tenha sido específico em acidente vascular cerebral hemorrágico e isquêmico, faz sentido presumir que a competência apresentada pelo monitoramento não invasivo da complacência intracraniana nesses quadros se estende a outras situações. "Isso precisa ser validado por mais estudos científicos que podem contribuir para consolidar os alicerces de sustentação de um novo sinal vital, que irá mudar paradigmas no protocolo de tratamento de várias doenças em prol dos pacientes", ressalta.

* Artigo publicado na *Neurocritical Care*: link.springer.com/article/10.1007/s12028-022-01477-4



Postagem anterior

Prestadora de serviços em saúde é primeira Associação do país a ganhar certificação internacional

Próxima postagem

Profissões do futuro: Especialista em promoção da Saúde

MAIS NOTÍCIAS



Automação
Artigo - Automação de processos: como a tecnologia pode ajudar cotidiano dos pronto atendimentos



Inteligência
Pandemia acelera o desenvolvimento de inovações na área da saúde



Inteligência
Dia Mundial do Coração: Novo desfibrilador interrompe sem dor 70% dos episódios de taquicardia



DEIXE UMA RESPOSTA

Comentário:

Nome:*

E-mail:*

Site:

Salve meu nome, e-mail e site neste navegador para a próxima vez que eu comentar.

Postar Comentário

Esse site utiliza o Akismet para reduzir spam. [Aprenda como seus dados de comentários são processados.](#)

PESQUISAR NO SITE

Buscar

OUÇA OS PODCASTS



SIGA O PORTAL HOSPITAIS BRASIL



publicidade

ASSINE NOSSA NEWSLETTER

Informe seu e-mail para receber gratuitamente nossa newsletter.

E-mail:

Cadastrar

SIGA O PORTAL HOSPITAIS BRASIL



[Conheça nossa Política de Privacidade](#)

FALE CONOSCO



Publimed Editora Ltda.
Rua Felipe Gadelha, 104
Sala 55 - Santana
CEP: 02012-120 - São Paulo/SP
Fone: (11) 3966-2000

